

# BREWSTER' S MILLIONS / 1945

*(Uma Mulher e Sete Milhões)*

um filme de Allan Dwan

**Realização:** Allan Dwan / **Argumento:** Siegfried Herzig, Charles Rogers, Wilkie Mahoney, segundo o romance de George Barr McCutcheon e a peça de Winchell Smith e Byron Ongley / **Fotografia:** Charles Lawton / **Montagem:** Richard Heermance / **Intérpretes:** Dennis O' Keefe (Monty Brewster), Helen Walker (Peggy Gray), Eddie "Rochester" Anderson (Jackson), June Havoc (Trixie Summers), Gail Patrick (Barbara Drew), Mischa Auer (Michael Michaelovich), Joe Swayer (Hacky Smith), Nana Bryant (Mrs. Gray), John Litel (Swearengen Jones), Herbert Rudley (Nopper Harrison), Thurston Hall (Coronel Drew), Neil Hamilton (Mr. Grant), Byron Foulger (advogado), Barbara Pepper (motorista), Joseph Crehan (notário).

**Produção:** Edward Small, distribuída pela United Artists / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16mm, preto e branco, versão original, com legendas eletrónicas em português, 79 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, em Março de 1945 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, em 29 de Julho de 1946.

---

Trabalho não faltou na década de quarenta a Allan Dwan, passando sem interrupção de filme para filme, mas, curiosamente, este é também o período menos conhecido na sua obra que vem desde 1911 e termina em 1961 (viverá mais 20 anos). Esse desconhecimento tem a sua causa exactamente no facto de se tratarem de filmes B, aos quais a maior parte dos analistas e críticos pouca atenção dá, por eles passando rapidamente. Ao descobrirem-se esses filmes as surpresas não são poucas. Não que se vá gritar à "obra-prima esquecida". Longe disso. Os filmes deste período são produções típicas da série B, feitas depressa e por pouco dinheiro, sem outras ambições do que recuperar o capital investido e dar algum lucro para continuar. E também nada revelam que não se saiba: a simplicidade de Dwan na direcção, sem se preocupar com efeitos ou questões de estilo, antes colocando-se exactamente na posição de quem conta uma história e apenas pede que a visualizem, servindo ele de "intermediário". Mas é essa simplicidade que dá um fascínio peculiar a estes filmes modestos e sem presunções, mantendo com o espectador uma espécie de cumplicidade, jogando com os seus sonhos e desejos. E **Brewster' s Millions** joga com muitos e especiais sonhos: o da fortuna rápida. Em vez do Euromilhões ou Totoloto, um meio muito mais seguro: a herança.

**Brewster's Millions** foi primeiro uma novela escrita por George Barr McCutcheon (cujo tema foi possivelmente influenciado por um conto de Mark Twain) e publicada pela primeira vez em 1905. No ano seguinte Winchell Smith e Byron Ongley adaptaram-na ao palco no que foi um dos grandes êxitos da temporada da Broadway. Em 1914 Cecil B. DeMille dirigiu, em colaboração com Oscar Apfel a primeira versão cinematográfica. Palco e cinema continuaram a explorar a peça nas décadas seguintes. Joseph Henabery dirige uma nova versão em 1921 tendo Roscoe "Fatty" Arbuckle na figura de Brewster. A Broadway retoma o espectáculo em 1925 noutra encenação de êxito. Duas décadas depois seria a vez da versão de Allan Dwan que vamos ver. A história voltaria ao cinema em 1961 numa versão britânica de Sidney J. Furie (**Three on a Spree**) e em 1985 no filme de Walter Hill **Milionário à Força**, com Richard Pryor. Mas a história famosa do herdeiro que para chegar à posse de uma enorme fortuna tem de gastar outra num

curto espaço de tempo, teve outras variações no ecrã: a versão da referida história de Mark Twain, **The Million Pound Note/Milionário Sem Vintém**, de Ronald Neame (1954) onde Gregory Peck era um vagabundo que fica na posse de uma nota de um milhão de libras, passando a viver como um príncipe sem gastar um tostão. Ou mesmo um filme dinamarquês dos anos 70 que por cá correu com o título de **O Homem Que Deixou de Fumar**, onde a fortuna será ganha se o herdeiro, fumador inveterado, deixar o vício num curto espaço de tempo. Tudo histórias, como se vê, onde se "brinca" com o dinheiro. Mas qual a função dessa "brincadeira", concretamente no que se refere a **Brewster's Millions**? Quando o romance, as encenações teatrais e as duas primeiras versões aparecem vive-se nos EUA um clima de euforia, distribuído por várias fases intercaladas com as crónicas depressões. Euforia da riqueza fácil, ouro, petróleo, Bolsa, especulação, o desenvolvimento desenfreado da indústria, o pulular de invenções de que Edison se torna arquétipo (quantos filmes sobre triunfos pessoais através de invenções se fizeram nos anos 20?), todos os ingredientes que formam o capitalismo selvagem. Essas versões põem, por isso, a tónica na especulação capitalista, isto é, na capacidade do dinheiro produzir dinheiro, em vez de o ser pelo trabalho. Nessas primeiras versões o herói não consegue cumprir o estipulado, o que não impede o "happy-end", pois todas as tentativas de gastar o milhão redundam em fracasso por causa da "maldição de Midas". No final Brewster já sabe jogar suficientemente o jogo para dispensar essas ajudas. Este clima de euforia da especulação e do "papel" termina tragicamente em 1929 com o colapso da Bolsa de Nova Iorque. As aventuras e desventuras do herói não têm cabimento na década de 30 onde os heróis podem conquistar ainda a fortuna mas à custa de um golpe de sorte ou de muito trabalho (as várias **Gold Diggers**, etc). Mas no pós-guerra a retoma da economia passa por um clima de euforia que encontra nestas histórias uma nova energia. Simplesmente encontram-se agora diferenças que têm a ver com as lições da tragédia de 29. Não se trata agora de celebrar a especulação como forma de enriquecimento, mas um outro princípio também ele da economia: o da necessidade de "circulação" do capital, como forma de o desenvolver e aumentar. O que Brewster faz (desastradamente, é certo, mas estamos numa comédia que segue os moldes da antiga história) é pôr esse dinheiro a circular de toda e qualquer forma. Evidentemente que ele se vai reproduzindo mesmo contra a vontade do herói que apesar de tudo chega ao fim sem um tostão (livrando-se rapidamente dos últimos dólares numa série de gags à velocidade do antigo burlesco). Esta ideia da circulação do capital como a forma de resolver as questões económicas encontra um exemplo cinematográfico num outro filme de Allan Dwan desta década: **Inside Story** (1948). Para quem não conhece o filme, lembramos que é a história de um homem que chega a uma pequena cidade e deposita uma nota de mil dólares no cofre do hotel. A nota é roubada e passando de mão em mão acaba por regressar ao cofre depois de resolver, nessa circulação, os problemas de uma série de pessoas, sem se reproduzir, apenas bastando a sua *presença* ou *representação*. É, de certo modo, a base do crédito que irá ter uma importância incontornável na economia americana da década de 50.

E aqui está como um filme aparentemente inofensivo pode dar "pano para mangas".

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico